



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE
CURSO SAÚDE COLETIVA

CAUÃ DE CARVALHO FÉLIX

**ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO PERSONAGEM ZÉ GOTINHA
NAS CAMPANHAS DE IMUNIZAÇÃO NO BRASIL**

Brasília – DF

2022

CAUÃ DE CARVALHO FÉLIX

**ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO PERSONAGEM ZÉ GOTINHA
NAS CAMPANHAS DE IMUNIZAÇÃO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Saúde Coletiva da
Universidade de Brasília, como requisito para
obtenção de grau de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profª Drª Larissa Grandi Vaitsman
Bastos.

Brasília – DF

2022

CAUÃ DE CARVALHO FÉLIX

**ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO PERSONAGEM ZÉ GOTINHA
NAS CAMPANHAS DE IMUNIZAÇÃO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Saúde Coletiva da
Universidade de Brasília, como requisito para
obtenção de grau de Bacharel em Saúde Coletiva.

Aprovado em: 23/09/2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Larissa Grandi Vaitsman Bastos
Universidade de Brasília/ Faculdade de
Ceilândia

Prof^a. Dr^a. Carla Pintas Marques
Universidade de Brasília/ Faculdade de
Ceilândia

Prof^a. Dr^a. Bruno de Almeida Porto
School of Humanities and Digital Sciences Tilburg University

AGRADECIMENTO

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram no meu potencial, aos que me apoiaram e contribuíram para que esta conquista fosse possível. Agradeço à minha família, que se prontificou em me ajudar, não só emocionalmente como fisicamente, em minha jornada de graduação.

Agradeço imensamente ao meu primo e sua esposa que me cederam humildemente um espaço em sua residência para que eu pudesse iniciar meus estudos na universidade, bem como agradeço aos meus amigos de curso, os quais levarei para a vida. Aprendemos juntos, passamos por muitas dificuldades, mas nunca deixamos de nos ajudar mutuamente, o que possibilitou uma jornada mais leve e carismática. Espero que possamos seguir nos apoiando por toda a vida e que continuemos sempre fazendo parte dessa grande família de “irmãos de outras mães”. Amo de coração todos vocês, e muito obrigado por fazerem parte da minha história e evolução, não só acadêmica, mas como pessoa.

E claro, agradeço fortemente as minhas duas avós e minha mãe que são os pilares da minha vida as quais nunca duvidaram do meu potencial e sempre lutaram para que eu tivesse um futuro promissor, me apoiando independentemente do que eu resolvesse seguir na vida. Hoje, espero alegrar e encher vossos corações de orgulho concluindo essa etapa da minha vida com muita garra, suor, mas, principalmente, gratidão a todos os processos vividos dentro da faculdade.

Agradeço a todos os professores de Saúde Coletiva por me proporcionarem todo o conhecimento adquirido, em especial agradeço a minha orientadora Larissa Grandi que, nessa jornada, foi de extrema importância para a conclusão desse ciclo maravilhoso. Agradeço pela paciência e atenção que dedicou a mim.

Por fim, sou extremamente grato a todos os meus familiares e amigos que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O Brasil possui um dos maiores e mais completos programas de vacinação do mundo, o Programa Nacional de Imunizações (PNI). No passado, o mesmo já foi líder no quesito vacinação principalmente infantil. As campanhas de saúde e vacinação, por sua vez, desempenharam grande importância na comunicação em saúde e forte participação social nesse processo de adesão aos imunizantes. Em vista desse fato, o presente trabalho possui o objetivo de entender, através da perspectiva da comunicação em saúde e conceitos de saúde pública, como ocorreu o processo evolutivo do personagem símbolo de imunização geral, o “Zé Gotinha”, junto à importância e o fortalecimento que adquiriu nas campanhas de imunização no Brasil, analisando de que forma esse personagem influenciou a cobertura vacinal e a adesão da população a essas campanhas.

PALAVRAS - CHAVE – Vacinação, comunicação em saúde, prevenção, imunização

ABSTRACT

Brazil has one of the largest and most complete vaccination programs in the world, the National Immunization Program (PNI). In the past, it was already a leader in the area of vaccination, especially for children. Health and vaccination campaigns, in turn, played a major role in health communication and strong social participation in this process of adherence to immunizations. In view of this fact, the present work has the objective of understanding, through the perspective of communication in health and concepts of public health, how the evolutionary process of the character symbol today of general immunization occurred, the "Zé Gotinha" along with the importance and strengthening that the same was acquired in immunization campaigns in Brazil, analyzing how this character influenced vaccination coverage and the population's adherence to these campaigns.

KEY WORDS – Vaccination, health communication, prevention, immunization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil 1971-2020 parte 1

Figura 2 - Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil 1971-2020 parte 2

Figura 3 - Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil 1971-2020 parte 3

Figura 4 - Zé Gotinha e Virginie Boutaud campanha de saúde 1988

Figura 5 - Zé Gotinha e Virginie imaginário futurístico

Figura 6 - Criança imunizada

Figura 7 - Zé Gotinha poderes imunizantes

Figura 8 - Cenário campanha de saúde Zé Gotinha 1988

Figura 9 - Doenças monstros Tétano Difteria Coqueluche

Figura 10 - Doenças monstros Pólio e Sarampo

Figura 11 - Zé Gotinha e Xuxa 1989

Figura 12 - Crianças compondo cenário dançando

Figura 13 - Zé Gotinha campanha de vacinação 1993

Figura 14 - Viruslândia

Figura 15 - Personificação de doenças 1993

Figura 16 - Zé Gotinha contra Poliomelite 2009

Figura 17 - Toy Story 2000

Figura 18 - Zé Gotinha e seus amigos 2016

Figura 19 - Zé Gotinha contra a Covid-19 2021

Figura 20 - Modelo Fotográfico 1887, de Eadweard Muybridge

Figura 21 - Modelo simplificado transformado em desenho

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

TV – Televisão

MS – Ministério da Saúde

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

2D – Bidimensional

3D – Tridimensional

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| JUSTIFICATIVA..... | 13 |
| REFERENCIAL TEÓRICO..... | 14 |
| 3.1 Um breve histórico para a compreensão do personagem..... | 14 |
| 3.2 A saúde pública e a imunização no Brasil..... | 16 |
| 3.3 Linha do tempo da imunização no Brasil..... | 19 |
| 3.4 A comunicação em Saúde..... | 28 |
| OBJETIVOS..... | 30 |
| METODOLOGIA..... | 31 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 33 |
| CONCLUSÃO..... | 53 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 55 |
| ANEXO..... | 60 |

1. INTRODUÇÃO

A transmissão de informações corretas é essencial para a gestão em saúde. Graças às vacinas, várias doenças, que antes tinham graves consequências à saúde dos indivíduos, puderam ser prevenidas, como sarampo e a tuberculose. Apesar das doenças erradicadas pela vacinação terem se tornado raras em muitos países, os agentes infecciosos continuam a circular em algumas partes do mundo. Por isso, as campanhas de vacinação se tornaram tão importantes para garantir ampla cobertura vacinal, e a comunicação não poderia ser menos que uma poderosa aliada nesse processo.

Sabendo desse fato, em 1986, foi criada uma imagem que representasse um dos maiores movimentos vacinais contra uma doença que vinha assombrando o ato de “brincar” das crianças da época e, posteriormente, ajudaria disseminando a importância da imunização geral contra todos os agentes causadores de doenças. Essa imagem era Zé Gotinha.

Zé Gotinha fez parte do imaginário de várias gerações do Brasil. Com seu carisma, entusiasmo e, principalmente, alegria em mostrar para as crianças o quão importante era o ato de se vacinar, conseguiu criar um vínculo coletivo não só com os pequenos, mas com pessoas de todas as idades. O que não poderia ser diferente, afinal, não foi criação completa de um homem só, a própria população que o batizou com seu nome.

Esse afeto foi de extrema importância para o personagem, já que foi por ele que se consolidou como um excelente parceiro e a combinação de todas as políticas públicas de todo movimento vacinal de diversos governos que fizeram com que o Brasil se tornasse referência mundial na questão da imunização, principalmente, infantil.

Esse apego afetivo também foi devido às fortes estratégias de combinação de linguagens, juntando a gramática comunicativa formal/informal, a linguagem musical, bem como as expressões corporais de quem era envolvido nas campanhas com o personagem. Essa ligação ajudou a firmar a consolidação das promoções e prevenções em saúde.

Dessa forma, as campanhas que foram analisadas nesse período evidenciaram o modelo tradicional de se efetuar as propagandas da época, mas, com o passar dos anos, optaram por ousar na criatividade e abusar da tecnologia, modificando a estrutura, como um todo, do personagem, trazendo para ainda mais perto de nossos olhos mudanças que, de fato, fazem parte das características de evolução do mesmo. O Zé Gotinha firma-se como sinônimo de vacina e como referência para a população em termos de métodos de prevenção. Seu sucesso foi tamanho, na erradicação da póliomelite que, atualmente, sua imagem é relacionada a todo o

programa vacinal brasileiro.

2. JUSTIFICATIVA

O Zé Gotinha foi criado em 1986 pelo artista plástico mineiro Darlan Rosa, então funcionário de um setor de publicidade do Ministério da Saúde, com especialidade em ilustrar rótulos, adequar a linguagem da saúde para o público leigo e produzir imagens que pudessem ser compreendidas por todos. O personagem foi construído baseado no conto do herói, que triunfaria contra todos os males, as doenças. Sua imagem foi fartamente utilizada em campanhas locais, assumindo as características das populações, como, por exemplo, em campanhas do Nordeste, em que Zé Gotinha aparece como cangaceiro.

O interesse pela abordagem do tema surgiu após uma breve análise da crise sanitária atual no Brasil causada pela pandemia da Covid-19, na qual, com certeza, está no ranking das maiores crises de saúde pública em nível global que já vivenciou-se e, por tomar conhecimento que nosso personagem se tornou referência de imunização geral em nosso país, gerou um questionamento não só interno, mas como de toda a população, sendo algo tão simbólico que se fez ausente em um momento muito delicado de saúde, no qual o termo vacina é o tema em questão, e que perpetua nos dias que se seguem.

Em janeiro de 2022, as crianças brasileiras de 5 a 11 anos começaram a ser vacinadas contra a Covid-19 e o Brasil tem tradição em vacinação infantil. Ela foi responsável pela erradicação da varíola e da paralisia infantil (Poliomielite) no país. Assim, desde os anos 1980 temos esse personagem referência da vacinação “o Zé Gotinha”, que ganhou o carinho da população e, em especial, das crianças. Em 10 de março de 2021, o ex-presidente Lula, durante discurso, criticou a pouca utilização do Zé Gotinha na vacinação contra a Covid-19 no Brasil, questionando: "Cadê o Zé Gotinha? Bolsonaro mandou embora, porque achou que era petista", salientou o ex-presidente e a cobrança de Lula foi elogiada por Darlan Rosa. Luiz Inácio Lula da Silva esteve no comando da presidência do Brasil desde 2003 à 2011 à frente do partido do trabalhador (PT) que possui ideais esquerdistas, o qual sustenta uma rivalidade politicamente histórica direta com os ideais direitistas impostos pelo atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro.

Dessa forma, acredita-se que esse trabalho sirva de instrumento para a disseminação de conhecimento acerca do personagem, servindo como uma narrativa de sua jornada de herói ao mostrar o motivo pelo qual foi tão importante e marcante positivamente para a adesão da população às campanhas de saúde.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

3.1 Um breve histórico para a compreensão do personagem

Para compreendermos o processo evolutivo de um personagem criado aos moldes da comunicação em saúde, para campanhas de vacinação no Brasil, é necessário voltarmos um pouco no tempo. Nos primórdios da comunicação remota, quando formalmente se propunha associar a propaganda na educação da população com finalidade de manobrar e modificar conhecimentos e atitudes, o enfoque era mais fiscal e policiado.

As campanhas de saúde pública realizadas pelos agentes sanitários no início do século XX foram recebidas com grande desconfiança pela população. A reação que eles inspiraram desencadeou movimentos como a famosa revolta das vacinas. Essas reações decorriam principalmente de métodos opressivos baseados em leis e decisões que violavam os direitos civis. Foi um período imperializado pelo medo. Receio das reações advindas da vacina antivaríola, medo do isolamento imposto aos contaminados, a população ligeiramente se escondia, o trabalho era feito de porta em porta e as residências eram invadidas pelos agentes sanitários escancarando o abuso de poder. (Teixeira, 1999)

A educação em saúde, como forma de prevenir doenças ou ensinar hábitos de higiene, era uma preocupação que ganhou força no início da década de 1940, quando surgem intuições federais voltadas para a saúde pública e para o controle de enfermidades rurais. Já na década de 1970, o objetivo dos educadores e sanitaristas era modificar comportamentos individuais e coletivos, buscando a incorporação de hábitos e práticas de promoção da saúde. Como paradigma sanitário derivado do conceito de causa única de doença, o sanitarismo sustentando a necessidade de barreiras (comportamento individual e coletivo) para prevenir a causalidade (Mendes, 1992).

Isso nos leva a meados de 1973, em que o Programa Nacional de Imunizações (PNI) pregava o diálogo com pais e responsáveis por todas as crianças menores de um ano, alvo das vacinas ofertadas nos serviços públicos de saúde. A informação e mobilização das comunidades tinham como propósito assegurar a adesão informada da população ao programa. Os programas de saúde adotaram a participação comunitária como estratégia de atuação, e o tema passou a figurar em toda discussão mais generalizada sobre saúde, na excitação da VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1986. Não havia democratização da saúde sem participação da população nos processos de decisão e na implementação destas decisões.

É nesse cenário que se consolida a estratégia de vacinação em massa contra a poliomielite, cuja situação epidemiológica era considerada extremamente grave, impossível de ser modificada a curto prazo, em virtude da insuficiência da rede de serviços básicos de saúde para proceder rotineiramente à vacinação sistemática da população suscetível. A proposta de mudança de estratégia baseava-se na facilidade de aplicação da vacina oral, o que permitiria utilizar o recurso ao voluntariado de forma intensiva.

Em maio de 1985, a OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde, clamava aos países da região que unissem esforços, visando erradicar a transmissão do poliovírus selvagem no hemisfério até 1990. O diretor da organização, em pronunciamento, declarou ser inaceitável que qualquer criança das Américas sofra de poliomielite, salientando que esse esforço seria o veículo que canalizaria todas as nações do hemisfério a alcançar os objetivos de cobertura universal de vacinação contra as doenças da infância até o final da década (Ministério da Saúde, 1988).

Com a proposta de erradicação, foram adotadas várias iniciativas. O progresso no controle da doença fez com que muitos clínicos deixassem de considerar a poliomielite como parte do diagnóstico diferencial nas paralisias de início súbito, buscando outras hipóteses. Em função disso, a capacitação de médicos foi incrementada. No campo da divulgação e comunicação, também aconteceram mudanças significativas, a principal foi a criação de um modelo de referência gráfica da erradicação da poliomielite, apontando-se, como vantagem, "a manutenção da unidade das atividades de comunicação ao longo de todo o tempo que perdurasse o plano" (Ministério da Saúde, 1986).

O modelo proposto foi baseado em estudo fotográfico de 1887 (Anexo 20), de Eadweard Muybridge, que foi simplificado e transformado em desenho (Anexo 21):

A este foram acrescentadas as duas gotas necessárias à vacinação, bem como o cronograma do compromisso brasileiro de erradicar a poliomielite, representado pelos anos e pelo diferenciado tratamento de cor das figuras, passo a passo, ano a ano ... a criança do desenho foi transformada em um boneco, cuja cabeça lembra uma gotinha da vacina. (Ministério da Saúde, 1986)

No entanto, as críticas às campanhas e à proposta de erradicação persistiam. Os responsáveis pela condução do trabalho eram chamados de a "turma da vacina", mas não havia como regredir diante de uma experiência consolidada e que, cada vez mais, contribuía para o fortalecimento da vigilância epidemiológica e o controle de doenças em nível nacional. Foi estabelecido nesse período o Projeto de Divulgação para o Programa de Imunizações, que

incluía a proposta de ampliação da marca da erradicação da poliomielite para a marca do PNI.

Nesse sentido, como a representação do combate à poliomielite nascia, ela precisava ganhar identidade, surgiu, então, a ideia de um concurso nacional para a escolha de seu nome: além de popularizá-lo, foi uma oportunidade para promover uma mobilização nacional e uma participação mais efetiva em torno do tema vacinação. Na divulgação do evento foi usado, como peça básica, um filme que contava a história de seu nascimento, o personalizando (Ministério da Saúde, 1988). O concurso foi feito com a participação de escolas de todo país para decidirem, em conjunto, por votação, qual seria o nome ideal para o personagem. E, assim, nascia “Zé Gotinha”.

Zé Gotinha firmou-se como sinônimo de imunização e como referencial para a população, em termos de métodos de prevenção, principalmente os referentes às doenças evitáveis por vacinação e a proposta da marca englobaria, além da vacinação, as demais ações básicas de saúde da criança: crescimento e desenvolvimento, reidratação oral, aleitamento materno (Ministério da Saúde, 1988).

3.2 A saúde pública e a imunização no Brasil

As origens da saúde pública brasileira permitem observar que, há muito tempo, o conhecimento produzido popularmente tem influenciado os cuidados em saúde, de modo que o referido conhecimento já chegou, até mesmo, a ocupar um lugar exclusivo no que se refere ao acesso à saúde.

Oliveira (2012), discorrendo sobre a trajetória da saúde pública brasileira, constrói uma linha temporal que se inicia com a chegada dos portugueses e escravos à Terra de Santa Cruz, culminando, assim, na reunião de enfermidades oriundas de diversos territórios em um momento em que pouco se conhecia sobre transmissão, controle e tratamento de doenças, de forma que o conhecimento popular concebia tratamentos que constituíam a principal forma de acesso à saúde para a maioria da população.

Além desta questão, o histórico da saúde pública evidencia que, em diversos momentos, suas ações e políticas foram voltadas para o controle de doenças no intuito de desempenhar o combate a surtos e epidemias que acometiam a população.

Ainda de acordo com Oliveira (2012), no século XVII, uma epidemia de sarampo incorreu em uma profunda crise demográfica que abalou a economia colonial, sendo que, neste contexto, as primeiras práticas de saúde pública se deram por meio da proteção e saneamento das cidades, também do controle e da observação de doenças e doentes, perspectiva esta que

pôde ser observada na década de 50 quando a política de saúde pública enfatizou a prevenção de doenças transmissíveis.

Lima (2002, pág. 40) fortalece esta constatação ao afirmar que a história da saúde pública no Brasil constitui-se, em grande parte, pelo combate a grandes surtos epidêmicos ocorridos em áreas urbanas, bem como pelas endemias rurais. Coexistente ao desenvolvimento da saúde pública no Brasil, ocorreram diversos movimentos sociais de grande importância, que deram margem à participação da imprensa na veiculação de informações relacionadas à saúde, sendo um destes movimentos a revolta da vacina, a qual é discutida por Crescêncio (2008, p. 57):

A Revolta da Vacina é um movimento comumente citado como tendo sido uma reação de cunho exclusivamente popular, encorajada pelo descaso das autoridades para com a higiene e a saúde. Esse “abandono urbano” pelo qual passava o Rio de Janeiro não foi combatido apenas com soluções práticas e diretas de higienização de casas, ruas e mercados, mas, com uma lei que instituiu a obrigatoriedade da vacinação, provocando desconforto popular diante da agressividade da medida, elemento, teoricamente, propulsor da revolta. Entretanto, mais do que um movimento de indignação popular contra as decisões governamentais, a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro determinou uma comoção sediciosa que emergiu em meio a um contexto de confrontos políticos entre as autoridades brasileiras, conflitos que foram relatados diariamente pela imprensa, pretensamente preocupada em zelar pela saúde pública e também em definir suas posições políticas.

A partir desse ponto, é possível observar que, por diversas vezes, na história brasileira, as ações de saúde pública estiveram voltadas para o controle de doenças, e que não raramente as intervenções necessárias só foram executadas quando os problemas de saúde enfrentados já haviam tomado grandes proporções, afetando, assim, outras áreas, como, por exemplo, a economia. Nesta perspectiva do habitual enfoque das ações de saúde pública no combate a doenças, observa-se atualmente a situação de ressurgimento do sarampo no Brasil, que representa um acontecimento de imensa relevância para a saúde da população.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2019), o sarampo é descrito como uma doença viral, infecciosa aguda, potencialmente grave, transmissível e extremamente contagiosa, sendo que sua transmissão ocorre através de secreções nasofaríngeas expelidas por uma pessoa infectada ao tossir, espirar, falar ou respirar e, ainda, por dispersão de aerossóis no ar, com partículas virais dentro de ambientes fechados. Conforme a instituição, de modo geral, todas as pessoas possuem suscetibilidade ao vírus do sarampo e, diante disto, a vacina constitui a única maneira de prevenir a população contra o sarampo.

No ano de 2016, segundo Elidio et al. (2019), o Brasil, assim como a Região das

Américas, recebeu da OMS o certificado de eliminação da circulação do vírus do sarampo, que lhe conferiu o título de área livre da doença. No entanto, dois anos após a certificação, ocorreu a reintrodução do vírus no país:

Em 2018, o Brasil enfrentou a reintrodução do vírus do sarampo, com a ocorrência de surtos em 11 Unidades da Federação (UFs), com um total de 10.326 casos confirmados, assim distribuídos: Amazonas (9.803), Roraima (361), Pará (79), Rio Grande do Sul (46), Rio de Janeiro (20), Sergipe (4), Pernambuco (4), São Paulo (3), Bahia (3), Rondônia (2) e Distrito Federal (1) (ELIDIO et al., 2019, p. 66).

A falta de informações e a sua divulgação não efetiva são fatores que, segundo Nassaralla et al. (2019), colaboram com o reaparecimento de doenças infecciosas, a exemplo do sarampo.

Por sua vez, Escalante (2019) discorre que o ressurgimento do sarampo não se restringe ao Brasil, tendo ocorrido ainda no ano de 2017 também na Argentina, Canadá, Estados Unidos e Venezuela, de modo que, para o autor, o ressurgimento do sarampo nas Américas é consequência de múltiplos fatores econômicos, sociais e culturais vivenciados em outras regiões do mundo, dentre as quais se encontram a desinformação que as novas gerações apresentam acerca dos impactos das doenças que podem ser prevenidas por vacinação e, ainda, a pressão exercida por grupos antivacinas para impedir a continuidade das campanhas e os programas de imunização.

Diante do exposto, percebe-se a importância da vacinação para, entre outros motivos, a manutenção da erradicação de doenças. Neste contexto, permite-se ver o impacto da globalização para questões de saúde, uma vez que distâncias são reduzidas também no que se refere à circulação de agentes etiológicos entre países.

Além disso, observa-se que a desinformação, bem como as “fake news”, constituem fatores que colaboraram para o ressurgimento do sarampo no país. Outro fator que contribui para tanto é o movimento antivacina que, promovendo a propagação de informações enganosas e sem respaldo científico, induz as pessoas a não se imunizarem, o que pode prejudicar as coberturas vacinais e permitir que doenças erradicadas retornem.

Para compreender melhor esse resgate temporal, no tópico abaixo se encontra sintetizada a linha do tempo que diz respeito à história e ao caminho da imunização no Brasil.

3.3 Linha do tempo da imunização no Brasil

Figura 1 – Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil (1971-2020)

| LINHA DO TEMPO DA IMUNIZAÇÃO NO BRASIL | |
|---|--|
| 1971 | Inoculação da vacina pela primeira vez na Inglaterra |
| 1804 | Chegada da vacina contra a varíola no Brasil |
| 1901 | Criação do Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro, com direção de Oswaldo Cruz (futura Fiocruz), e Instituto Serumtherápico, com Vital Brazil, em São Paulo (futuro Instituto Butantan) |
| 1904 | A revolta das vacinas |
| 1927 | Início da vacinação contra tuberculose no Brasil com vacina BCG |
| 1942 | Eliminação da febre amarela urbana no Brasil |
| 1966 | Campanha de erradicação da Varíola |
| 1973 | Criação do programa nacional de imunizações (PNI) |
| 1975 | Campanha contra a Meningite Meningocócica |
| 1976 | Criação do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos, da Fiocruz) |
| 1977 | Primeiro Calendário Básico de Vacinação |
| 1980 | Campanha de Vacinação contra a poliomielite |
| 1985 | Programa de Autossuficiência Nacional em Imunobiológicos (PASNI), Voltado ao suprimento da demanda nacional de vacinas e soros |

Figura 2 – Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil (1971-2020)

| | |
|-------------|--|
| 1986 | Nasce o Personagem Zé gotinha |
| 1989 | Último caso de pólio no Brasil, em Souza(PB) |
| 1992 | Plano de eliminação do Tétano Neonatal (Mulheres em idade fértil, entre 15 e 49 anos) e Plano Nacional de eliminação do Sarampo |
| 1993 | “Operação Gota”, em áreas de difícil acesso e para populações indígenas. |
| 1995 | Substituição da Vacina monovalente contra o sarampo pela Tríplice Viral (sarampo, caxumba e Rubéola) |
| 1997 | implantação gradativa da Vacina contra a Rubéola para as mulheres em idade fértil |
| 1998 | substituição da vacina isolada contra tétano (toxóide tetânico) pela vacina dupla bacteriana, tipo adulto (dt) contendo também o toxóide diftérico |
| 1999 | Campanha nacional de vacinação contra a gripe para a população a partir dos 65 anos |
| 1999 | incorporação da Vacina contra a febre amarela ao calendário e introdução da vacina contra Haemophilus Influenzae B (HIB) |
| 2000 | introdução da vacina tetravalente no calendário até os 6 meses de vida |
| 2004 | Instituição dos calendários da criança, do adolescente e do adulto e idoso. |
| 2006 | introdução da vacina contra o rotavírus |

Figura 3 – Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil (1971-2020)

| | |
|-------------|--|
| 2006 | eliminação do tétano neonatal como problema de saúde pública no Brasil, segundo OMS |
| 2008 | Campanha nacional de vacinação para eliminação da rubéola |
| 2010 | substituição da vacina isolada contra tétano (toxóide tetânico) pela vacina dupla bacteriana, tipo adulto (dt) contendo também o toxóide diftérico |
| 2011 | campanha nacional de vacinação contra influenza incluindo gestantes, indígenas, crianças de 6 meses a 2 anos e trabalhadores da saúde, além do idosos |
| 2012 | introdução da vacina pentavalente e da VIP no calendário da criança |
| 2013 | inclusão da Varicela (catapora) na Vacina tetraviral |
| 2014 | introdução de 3 vacinas contra hepatite A para crianças (15 meses de idade) contra o HPV (papiloma vírus humano), para meninas de 9 a 13 anos, e dTpa (tétano, difteria e coqueluche acelular) para gestantes |
| 2018 | Vacina Contra HPV ampliada para meninos de 11 a 15 anos |
| 2020 | Vacinação contra o Covid-19 |

3.3.1 Século XVIII

1771 – Inoculação da vacina pela primeira vez na Inglaterra

Edward Jenner descobriu a vacina antivariólica, a primeira de que se tem registro. Ele fez uma experiência comprovando que, ao inocular uma secreção de alguém com a doença em outra pessoa saudável, esta desenvolvia sintomas muito mais brandos e tornava-se imune à patologia em si, ou seja, ficava protegida. Jenner desenvolveu a vacina a partir de outra doença, a cowpox (tipo de varíola que acometia as vacas), pois percebeu que as pessoas que ordenhavam as vacas adquiriam imunidade à varíola humana. Consequentemente, a palavra vacina, que em latim significa “de vaca”, por analogia, passou a designar todo o inóculo que tem capacidade de produzir anticorpos. (Fiocruz).

3.3.2 Século XIX

1804 – Chegada da vacina contra a varíola no Brasil

Aqui se inicia, de fato, a corrida de imunização no país. Trazida pelo marquês de Barbacena, a primeira vacina contra a varíola chega ao território brasileiro se tornando, quase 30 anos mais tarde, obrigatória para toda a população.

3.3.3 Século XX

1900-1901 – Criação do Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro, com direção de Oswaldo Cruz (futura Fiocruz), e Instituto Serumtherápico, com Vital Brazil, em São Paulo (futuro Instituto Butantan)

O surto de peste bubônica na cidade de Santos, no ano de 1899, foi o acontecimento que motivou a criação, em caráter emergencial, de um laboratório para preparo do soro antipestoso, anexo ao Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo, o futuro Instituto Serumterápico do Estado de São Paulo. O assistente de Adolpho Lutz no Instituto Bacteriológico, inspetor sanitário Vital Brazil Mineiro da Campanha (Vital Brazil), o médico enviado pela Inspetoria Geral de Higiene Pública, Oswaldo Gonçalves Cruz, e o conhecido cirurgião carioca, Eduardo Chapot Prévost, foram os responsáveis pelo diagnóstico da doença. Era necessária a importação do soro curativo produzido apenas pelo Instituto Pasteur de Paris, mas a instituição não dispunha de quantidade suficiente para suprir a demanda mundial. Foi então que Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário do Estado do Estado de São Paulo, propôs ao

governo a criação de um laboratório para o preparo do soro e da vacina antipestosa, ao mesmo tempo em que, na Capital Federal, também era criado um laboratório semelhante, o Instituto Soroterápico Federal.

1904 – A Revolta das Vacinas

Foram apenas cinco dias, mas marcaram a história da saúde pública no Brasil. No início de novembro de 1904, o Rio de Janeiro, então capital federal, foi palco da maior revolta urbana que já tinha sido vista na cidade. A Revolta da Vacina deixou um saldo de 945 prisões, 110 feridos e 30 mortos, segundo o Centro Cultural do Ministério da Saúde. O estopim da rebelião popular foi uma lei que determinava a obrigatoriedade de vacinação contra a varíola. Mas havia um complexo e polêmico panorama social e político por trás da revolta, e diferentes fatores ajudam a explicar melhor os protestos.

1927 – Início da vacinação contra tuberculose no Brasil com vacina BCG

Em 1927, a BCG foi aplicada pela primeira vez no Brasil. Nas décadas seguintes, por não existir um sistema nacional de vacinação no país, a aplicação da vacina contra a tuberculose era irregular, e dependia muito de cada Estado e de seus centros locais de vacinação. Porém, com a criação do Programa Nacional de Imunização (PNI) nos anos 1970, a BCG se tornou obrigatória para os recém-nascidos, e passou a ser ofertada para todas as crianças brasileiras até os quatro anos de idade.

1966 – Campanha de erradicação da varíola

A Campanha de Erradicação da Varíola (CEV) foi instituída no Brasil em 1966, como parte do Programa Mundial de Erradicação da Varíola da Organização Mundial da Saúde (OMS). Os objetivos desta Campanha foram interromper a transmissão da doença no país através da vacinação em massa da população, e implantar um sistema de vigilância epidemiológica, visando a descoberta precoce de casos, e a manutenção dos níveis imunitários da população pela sistematização das atividades de rotina. O êxito da campanha mundial de vacinação empreendida na segunda metade da década de 1960, reabilitou o prestígio das propostas de erradicação de doenças, abalado com os resultados pouco animadores do controle da malária.

1973 – Criação do programa nacional de imunizações (PNI)

Em 1973, foi formulado o Programa Nacional de Imunizações - PNI, por determinação do Ministério da Saúde, com o objetivo de coordenar as ações de imunizações que se caracterizavam, até então, pela descontinuidade, pelo caráter episódico e pela reduzida área de cobertura. A proposta básica para o Programa, constante de documento elaborado por técnicos do Departamento Nacional de Profilaxia e Controle de Doenças (Ministério da Saúde) e da Central de Medicamentos (CEME - Presidência da República), foi aprovada em reunião realizada em Brasília, em 18 de setembro de 1973, presidida pelo próprio Ministro Mário Machado Lemos e contou com a participação de renomados sanitaristas e infectologistas, bem como de representantes de diversas instituições.

1977 – Primeiro calendário básico de vacinação

Em 1977, foi lançado o primeiro calendário, com apenas quatro vacinas para prevenir sete doenças em crianças de até um ano de idade: a *Bacilo Calmette Guerin* (BCG); a Vacina Oral poliomielite (VOP); a vacina Difteria, Tétano e Coqueluche (DTP), e a vacina contra o Sarampo. Esse calendário cresceu nos últimos 42 anos, e o PNI recomenda, atualmente, 14 vacinas para crianças, além de prever calendários específicos para adultos, gestantes, idosos e população indígena.

1980 – Campanha de vacinação contra a poliomielite

Em dezembro de 1979, ocorreu uma epidemia de poliomielite na fronteira entre Paraná e Santa Catarina. Assim, inicia-se em 1980 a 1ª Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite, com a meta de vacinar todas as crianças menores de 5 anos em um só dia.

1986 – Nasce o personagem Zé Gotinha

Criado pelo artista plástico Darlan Rosa para a campanha de vacinação contra o vírus da poliomielite realizada pelo Ministério da Saúde, seu principal objetivo era tornar as campanhas de vacinação mais atraentes para as crianças. O nome Zé Gotinha foi escolhido nacionalmente através de um concurso promovido pelo Ministério da Saúde com alunos de escolas de todo o Brasil.

Assim, começou a divulgação da Campanha Nacional de Vacinação Contra a Poliomielite, nos jornais, TVs e rádio. Além de conscientizar sobre a importância da vacinação desta doença, o Zé Gotinha também é utilizado para alertar sobre a prevenção de outras, como,

por exemplo, Sarampo, voltando a ser utilizado em outras campanhas de saúde de variadas doenças no futuro (Fiocruz, 2010).

1989 – Último caso de pólio no Brasil, em Souza (PB)

O último caso de poliomielite parálitica, causada pelo poliovírus selvagem, ocorreu em 1989, na cidade de Souza, na Paraíba. A doença é considerada oficialmente eliminada do território nacional desde 1994, quando foi emitido o certificado da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS).

1992 – Plano de eliminação do tétano neonatal (mulheres em idade fértil, entre 15 e 49 anos) e Plano Nacional de Eliminação do Sarampo

Com foco na erradicação, o Ministério da Saúde elegeu a extinção da doença como uma prioridade de sua política, criando o Plano Nacional de Eliminação de Sarampo, em 1992, com as estratégias de vacinação da população entre 9 meses e 14 anos de idade, independentemente da situação vacinal anterior ou história prévia da doença, manutenção de, no mínimo, 95% de cobertura vacinal para os menores de 1 ano de idade, na rotina do Programa Nacional de Imunizações, realização de campanhas de divulgação, com o objetivo de sensibilizar a população em geral, a classe política e os profissionais de saúde, entre outros.

A implantação do Plano de Eliminação do Tétano Neonatal em 1992 priorizou a melhora na vigilância epidemiológica, a vacinação de mulheres em idade fértil, a melhora na assistência nos períodos pré-natal, periparto e puerpério, e o cadastro e capacitação das parteiras tradicionais.

1993 – “Operação Gota” em áreas de difícil acesso e para populações indígenas

A operação gota é parte do programa nacional de imunização do Ministério da Saúde, e teve início em 1993, após a notificação de surtos de sarampo em populações indígenas.

1995 – Substituição da vacina monovalente contra o sarampo pela tríplice viral (Sarampo, Caxumba e Rubéola)

Entre abril e junho de 1982, foram realizados treinamentos, adequação da metodologia de controle e produção da vacina, seguidos pela instalação da máquina de envasamento da vacina Sarampo no Laboratório de Liofilização (Lalio), localizado no Pavilhão Rockefeller, além da realização de testes de equipamentos.

Em 1983, fixou-se a rotina de produção da vacina, com estabelecimento do esquema de teste e instalação do túnel de esterilização, no Latio. Em 1987, foram entregues ao PNI 12,5 milhões de doses da vacina Sarampo Monovalente (5 doses) e em 1990 15,1 milhões. Em 2003, a vacina foi descontinuada, sendo substituída pela Tríplice Viral, que combate, além do Sarampo, a Caxumba e a Rubéola. Em 2004, foram entregues ao PNI 20 milhões de doses.

1999 – Campanha nacional de vacinação contra a gripe para a população a partir dos 65 anos

A primeira campanha nacional de vacinação contra a gripe aconteceu em abril de 1999 e era destinada à população de 65 anos ou mais. A partir do ano de 2000, o Ministério da Saúde incluiu na indicação a faixa etária entre 60 e 64 anos, que atualmente representa um terço da população de 60 anos ou mais. Desde então, o Ministério da Saúde, os estados e os municípios realizam anualmente essa campanha.

A campanha nacional de vacinação contra a gripe é uma das efetivações do compromisso do Governo brasileiro com a universalidade, a integralidade e a equidade da atenção à saúde na área de imunizações, atendendo, deste modo, aos princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde.

2000 – Introdução da vacina tetravalente no calendário até os 6 meses de vida

Para viabilizar a efetivação de algumas estratégias de saúde na época, centenas de milhares de profissionais receberam capacitação permanente, específica para a área de imunizações, o que possibilitaria, por exemplo, a incorporação segura de novas vacinas no calendário vacinal do país ou a realização de campanhas de vacinação voltadas para públicos específicos. Como exemplo, destaca-se a introdução de uma nova vacina no calendário nacional, ocorrida simultaneamente em todo o país, a Tetravalente (DTP + Hib), a qual substituiu outras duas vacinas que compunham o calendário vacinal. A nova vacina chegou com a intenção de possibilitar uma redução nos gastos de cerca de 10 milhões de seringas e agulhas e todas as demais despesas que envolvam a vacinação.

3.3.4 Século XXI

2006 – Introdução da vacina contra o rotavírus

A introdução da vacina no calendário nacional estava prevista para março de 2006 e atenderia crianças nascidas a cada ano, a partir dos dois meses de idade. No mundo, cerca de

125 milhões de episódios diarréicos por rotavírus ocorriam globalmente a cada ano, causando entre 600.000 a 870.000 óbitos, dessa forma, ações tiveram que ser tomadas.

2006 – Eliminação do tétano neonatal como problema de saúde pública no Brasil, segundo a OMS

A Organização Pan-Americana de Saúde (Opas/OMS) declarou a eliminação do Tétano materno e neonatal (TMN) nas Américas. A vacinação, aliada aos cuidados de higiene durante o parto e o pós parto, foi fundamental para a região alcançar esse objetivo. O Brasil eliminou o TMN enquanto problema de saúde pública em 2006. Um dos principais fatores que colaboraram para a redução de casos no país foi a adoção de medidas simples de prevenção, como a aplicação de vacinas.

2008 – Campanha nacional de vacinação para eliminação da rubéola

Antes da introdução da vacina contra a rubéola nos programas de imunização, ocorriam surtos da doença a cada 3-6 anos. Com a implantação da vacinação na infância, a circulação do vírus foi reduzida. A campanha, em tese, teria 5 semanas de duração, no período de 9 de agosto a 12 de setembro de 2008, com a intenção de interromper a transmissão endêmica do vírus da rubéola.

2010 – Instituição do calendário de vacinação para os povos indígenas

Em 2010, por meio da portaria nº1.946, de 19 de julho do mesmo ano, foi instituído, em todo o território nacional, o Calendário de Vacinação para os Povos Indígenas, constante do Anexo I e II desta Portaria, no âmbito do Programa Nacional de Imunizações -PNI, de forma a controlar, eliminar ou erradicar as doenças imunopreveníveis nos grupos indígenas.

2012 – Introdução da vacina pentavalente e da VIP no calendário da criança

O Sistema Único de Saúde (SUS) altera o Calendário Básico de Vacinação da Criança com a substituição da vacina tetravalente (DTP+Hib) pela Vacina Pentavalente, que previne a difteria, o tétano, a pertussis, a hepatite B e as meningites causadas pelo *Haemophilus Influenzae* tipo B e, com a introdução da Vacina Inativada Poliomielite, a qual protege contra a Poliomielite.

2020 – Vacinação contra a Covid-19

O Ministério da Saúde apresenta o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19, uma medida adicional de resposta ao enfrentamento da doença, tida como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), mediante ações de vacinação nos três níveis de gestão. Nesta página você vai encontrar Notas Técnicas, Informes Técnicos e comunicados relacionados a maior campanha de vacinação da história do Brasil.

3.4 A comunicação em Saúde

A comunicação e a saúde podem ser vistas como campos distintos. Para Pierre Bourdieu (1996, 1997b, 1998) “campo referencia um espaço multidimensional, objetivo e estruturado de posições que, entre outras propriedades, define algumas importantes condições de produção dos sentidos sociais”.

Dessa forma, a comunicação em saúde é composta por elementos dos dois campos separadamente - da comunicação e da saúde, em sua área de interação. Um indivíduo faz parte de vários campos, o que ele vivencia, sabe e acumula de um interfere em uma possível apropriação e intervenção em outro, o que nos leva a compreender o modo que cada um interpreta e vivencia os processos (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 19-21).

Porém, de acordo com Queiroga, com o constante desenvolvimento tecnológico, a comunicação ganha importância na sociedade contemporânea, dentro e fora do País. No entanto, no âmbito da saúde pública brasileira, ainda é preciso superar a visão instrumental e simplista da comunicação como um processo de transmissão de informações de um emissor a um receptor, um modelo que não dá a devida importância ao restante do processo, como a circulação das mensagens e suas apropriações pelos diferentes atores envolvidos (QUEIROGA, 2014).

Em concordância com Araújo e Cardoso (2007), a abordagem na comunicação em saúde “tende a ser a da saúde como conteúdo ou objeto que permitiria avançar na compreensão dos dispositivos de comunicação na sociedade”. Assim, em se tratando de saúde:

[...] temos um campo de interação e, mais que isso, um contexto a definir a abordagem: o SUS, com seus dinamismos, contradições, lutas específicas, movimentos sociais e políticos, estruturas, instituições. O que se objetiva é compreender e agir sobre os processos sociais de produção dos sentidos, que afetam diretamente o campo da saúde.

Conforme Mendonça (2014, p. 69), o movimento de mediação entre as três áreas que a

comunicação atua (social ou comunitária, científica e para tomada de decisão) e a saúde envolve os emissores, receptores, seus canais e as mensagens em uma espiral de produção da informação e circulação do conhecimento em rede, a partir de mídias convergentes, linguagens descentralizadas e fluxos de informação correlacionados a processos construídos por sujeitos, produtores e mobilizadores de áreas sociais (TORO; WERNECK, 2004).

Por esse viés, vemos que espirais de conhecimento compartilham, entre si e entre os sujeitos, certezas relacionadas à produção dos conteúdos midiáticos. Diante disso, é necessário compreender sobre o que a comunicação se refere nesta discussão no campo da saúde.

Desse modo, vale lembrar as palavras de Schiavo:

Tal como acontece com outras formas de comunicação, a comunicação em saúde deve ser baseada em uma troca bidimensional de informações que utiliza um ‘sistema comum de sinais e comportamentos’. Ela deve ser acessível e criar ‘sentimentos mútuos de compreensão’ e solidariedade ‘entre os membros da equipe de comunicação e público-alvo (todas as audiências que o programa de comunicação de saúde tenta influenciar e fazer participar do processo de comunicação, também conhecido como público-alvo). Finalmente, os canais de comunicação (o meio ou o caminho utilizado para atingir o público-alvo com mensagens e materiais de comunicação em saúde, como a mídia de massa) e as mensagens são as ‘portas de ligação’ que permitem intervenções da comunicação em saúde para atingir o público pretendido. (SCHIAVO, 2007, p. 4-5, tradução da autora)

Segundo Moraes (2008), “usar estratégias para captar a atenção dos indivíduos de um grupo e, assim, facilitar a transferência de informações, utilizando elementos culturais dessa sociedade, é legítimo”. Ribeiro, Cruz e Maríngolo (2013), complementam que:

A comunicação em saúde deve ser entendida de forma integralizada, considerando o sujeito na sua totalidade, suas dificuldades, seus anseios, e não meramente como o repasse de informações rebuscadas com o uso de termos técnico. Os sujeitos precisam ser os protagonistas, capazes de compreender a dinâmica do sistema de saúde, e que o mesmo possa usufruir destas informações de forma a viabilizar o acesso e a efetivação dos seus direitos.

Dessa forma, a comunicação e a saúde encontram-se estreitamente conectadas, em vista que, para a criação de uma política pública de saúde efetiva é preciso a interação com seu público-alvo, fazendo com que a comunicação seja inseparável no processo de elaboração das políticas públicas, criando uma relação mutuamente constitutiva. “Por este aspecto, podemos dizer que a natureza e a qualidade da comunicação são determinantes da possibilidade de sucesso da política em questão” (Araújo; Cardoso, 2007).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Entender através da perspectiva da comunicação em saúde e conceitos de saúde pública, como ocorreu o processo evolutivo do personagem “Zé Gotinha” juntamente com a importância e o fortalecimento que o personagem adquiriu nas campanhas de imunização no Brasil, e analisar de que forma esse personagem influenciou a cobertura vacinal e a adesão da população a essas campanhas.

4.2 Objetivos específicos

- Apresentar as campanhas de imunização em áudio-visual que contém o personagem Zé Gotinha;
- Classificar e discutir as características presentes nos vídeos das campanhas de imunização do Zé Gotinha;
- Mostrar a importância do fortalecimento do personagem nas campanhas publicitárias, campanhas em saúde, especificamente, de imunização.
- Analisar como a consolidação da imagem do personagem Zé Gotinha estabelece um vínculo com a população no processo de adesão a essas campanhas.

5. METODOLOGIA

Para o presente trabalho, foi utilizada a metodologia de análise do conteúdo segundo Bardin (2006), sendo esse o conjunto de técnicas de análise das comunicações, através de procedimentos sistemáticos e métodos de descrição do conteúdo da mensagem. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (BARDIN, 2006, apud MOZZATO and GRZYBOVSHO, 2011).

Dessa forma, o trabalho dividiu-se em 3 etapas:

1) Pré-análise – consiste na organização do material

Para compilação do material, o trabalho dispôs das bases de dados (LILLACS E PUBMED) disponíveis para pesquisas na biblioteca virtual de saúde juntamente com a Scielo. Utilizando as palavras chaves “comunicação em saúde, saúde, imunização, vacina e “Zé Gotinha” nos meios de pesquisas já mencionados, obteve-se um total de 250 artigos que foram filtrados por data de publicação de 1986 à 2021, título e resumo dos artigos com a intenção de reduzir e compactar ainda mais o material a ser utilizado.

2) Exploração do material – exploração do material e a definição de categorias

Após definidos os artigos e trabalhos a serem aproveitados, deu-se início à exploração do material compilado, analisando o conteúdo de cada um por meio de uma tabela e os separando por semelhança de tema e assunto, reduzindo os resultados encontrados para 20 artigos no total.

3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação – momento da intuição, da análise reflexiva e crítica

Assim foram examinados, por meio de análise de conteúdo, de caráter descritivo e documental, vídeos de campanhas de imunização em que o personagem “Zé Gotinha” faz-se presente, disponíveis no site do Departamento de imunização do MS. O estudo documental busca ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Foram selecionados 6 vídeos que contém as informações mais relevantes, para que não haja repetição de conteúdo, utilizando o recorte temporal de 1988 à 2021.

Em cada vídeo de campanha, conforme o ano de veiculação, respectivamente, foram observados os seguintes aspectos para a realização da análise de conteúdo:

- Caracterização do personagem e cenário;
- Slogan;

- Texto complementar;
- Elementos diversos.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criado para a campanha de vacinação contra o vírus da poliomielite, realizada pelo Ministério da Saúde, seu principal objetivo era tornar as campanhas de vacinação mais atraentes para as crianças. O nome Zé Gotinha foi escolhido nacionalmente através de um concurso promovido pelo Ministério da Saúde com alunos de escolas de todo o Brasil. Assim, começou a divulgação da Campanha Nacional de Vacinação Contra a Poliomielite, nos jornais, TVs e rádios. Além de conscientizar sobre a importância da vacinação desta doença, o Zé Gotinha também fora utilizado para alertar sobre a prevenção de outras, como, por exemplo, Sarampo.

Posto a rápida inserção do personagem no contexto de saúde pública por imunizantes nacionalmente, o MS lançou, anualmente, campanhas destinadas à prevenção e conscientização acerca dessas doenças, logo abaixo, poderemos ver com mais detalhes como foi a trajetória do personagem nessas campanhas até os dias atuais.

6.1 Campanha de vacinação Zé Gotinha e Virginie Boutaud (1988)

Figura 4 – Zé Gotinha e Virginie Boutaud, campanha de saúde (1988)



A década de 80 foi marcada por diversos acontecimentos históricos e importantes que se ouve falar até nos dias atuais. Nessa época, a Guerra fria estava no pico e incertezas políticas deixavam o mundo todo com receio, os problemas climáticos aumentavam. Contudo, esse cenário era totalmente propício para gerar inspirações musicais nos artistas da época.

As músicas dos anos 80 tornaram-se referência para o mundo todo, sendo apelidada

como a época de ouro do Rock. Nessa década, em qualquer lugar que se fosse, seja em casas de dança, casa de amigos, bares de esquina ou qualquer lugar que estivesse tocando alguma música era possível escutar bandas como Tears for Fears, Cyndi Lauper, New Order, Depeche Mode, Aerosmith nas rádios da época. Porém, no cenário da música brasileira, bandas e artistas como Kid Abelha, Titãs, Paralamas do Sucesso, vinham emplacando alguns sucessos. Paralelamente, havia uma artista, juntamente com sua banda “Metrô”, que também vinha se destacando nas rádios dos brasileiros, chamada Virginie Boutaud.

Personagem e cenário

Segundo Barthes, a imagem fotográfica é uma mensagem, “a totalidade dessa mensagem é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor” (BARTHES, 2000, p.325). Posto sua posição, temos conhecimento de que o personagem Zé Gotinha foi criado com o intuito de tornar a vacinação mais atraente aos olhos das crianças. Em 1988, o personagem, desde sua data de criação, circulava apenas há dois anos nos meios de comunicação da época, dessa forma, podemos dizer que o mesmo não tinha tanta força midiática que sustentasse a atenção das crianças apenas à sua imagem.

O Ministério da Saúde, então, teve a ideia de usar uma força musical da época para fazer parceria com Zé Gotinha com a premissa de tornar ainda mais lúdica e chamativa a chamada para a vacinação contra a Poliomelite, Sarampo, Difiteria e Coqueluche. Surge, assim, como co-protagonista da campanha, a cantora e compositora Virginie. A ex vocalista do grupo “Metrô”, da década de 80, estava em ascensão musical na época agradando os ouvidos do público tanto adulto como infantil com músicas emblemáticas como: Tudo pode mudar, Jhony Love e, principalmente, Beat Acelerado. Pelo sucesso do gênero musical New age e o Rock`n Roll, o MS achou interessante chamá-la para fazer parte da causa para atarir ainda mais a atenção da criançada em ritmo de festa.

A cantora se apresenta como uma personagem humana vestida com roupas do imaginário futurista da época, que estava em alta devido ao forte sucesso do “Xou da Xuxa”, programa repleto de referências ao espaço e naves espaciais, participando ativamente da campanha cantando uma composição autoral que contava uma espécie de história de herói combatente de vilões.

Figura 5 – Zé Gotinha e Virginie Boutaud, imaginário futurístico



A mesma dividiu tela com o icônico Zé Gotinha caracterizado como um personagem 2D (bi dimensional) animado, modelo característico de outras animações de sucesso da época como: Caverna do Dragão, He-Man, Thundercats e Ursinhos Carinhosos. O mesmo aparece ilustrado de forma pequena seguindo a narrativa de herói contada em forma de canção por Virginie, em que Zé Gotinha possui os poderes de reforçar e proteger as crianças dos monstros malvados que são majoritariamente as doenças: Poliomelite, Sarampo, Difiteria e Coqueluche. A cor que foi adotada ao personagem, além de fazer alusão à cor da gota do líquido da vacina, também foi utilizada como referência de limpeza, associada aos médicos, às enfermeiras e à saúde, os quais não devem ser temidos pelas crianças.

Figura 6 – Criança imunizada



Figura 7 – Zé Gotinha – Poderes imunizantes



A campanha se ambienta em um cenário que lembra um laboratório futurístico de ciências com vários aparatos científicos como: elementos químicos em cena, microscópio, “becker”, balão de fundo chato, e tubos de ensaio. Esses elementos fazem alusão à fabricação dos imunizantes que é origem dos poderes do Zé Gotinha.

Figura 8 – Cenário da campanha de saúde Zé Gotinha (1988)



Slogan

O *slogan* “previna com a vacina”, por mais que seja simples, tem o objetivo claro de alertar e conscientizar sobre a importância da prevenção contra as doenças apresentadas, mas além disso, usufruíram do artifício lúdico da canção que antecede o *slogan* e para deixar mais agradável e “pegajoso” na cabeça do público optaram por rimar as palavras simples, dando

ainda mais destaque.

Texto complementar

O texto complementar presente na campanha evidencia alguns princípios do SUS como o da universalidade, quando Virginie diz que “os postos de saúde unem tudo”, isso transparece para quem está assistindo a ideia de que em um posto de saúde o usuário poderá conseguir amparo para qualquer situação de saúde eminente, mas principalmente a vacinação. Isso ganha mais vida quando a cantora ressalta na frase “a vacinação é grátis”, mostrando que não há nenhum custo para proteger as crianças das doenças, e finaliza alertando a população para se atentar às datas quando diz “não perca as datas”, ao final da campanha.

Elementos diversos

A campanha é regida por uma música evolvente interpretada pela já mencionada Virginie, nela, a artista deixa evidente que Zé Gotinha é um herói e que os monstros (doenças) não ficarão por muito tempo por perto das crianças quando ele aparecer. A letra da música expõe essa jornada quando fala: “que turma, que bando, que vem nos assustando, sai fora, se manda, Zé Gotinha está chegando”.

Fica claro que a música nos faz ter o sentimento de repulsa pelos “monstros”, algo que se deve ficar longe e, para alcançar tal feito, o Zé Gotinha é a melhor opção de amizade para os pequenos brasileiros conseguirem essa façanha.

Se de um lado temos o Zé Gotinha caracterizado como um personagem de cor branca trazendo sensação de paz, tranquilidade, algo que não deve ser temido, os monstros, no caso as doenças, são retratadas com cores diferentes, como, por exemplo a cor vermelha para o Sarampo, que arremete à vermelhidão que a doença causa em nossa pele, bem como o verde para o Tétano, nos trazendo a ideia de algo contagioso que deve ser realmente evitado.

Figura 9 – Doenças monstros - tétano, difteria e coqueluche



Figura 10 – Doenças monstro - pólio e sarampo



6.2 Campanha de vacinação Zé Gotinha e Xuxa (1989)

Figura 11 – Zé Gotinha e Xuxa (1989)



Exatamente um ano após a campanha com Virginie, no Brasil e no mundo, não se via

muitas diferenças ou acontecimentos novos permeando a sociedade, as músicas dos anos 80 continuavam bastante em alta na época, mesmo já quase na virada da década. Contudo, se o meio musical estava em sua época calma de estagnação de produção, havia outro ramo midiático que caminhava para grandes movimentações que, na época, todo brasileiro sonhava em ter em casa para o deleite do entretenimento, a famigerada televisão.

O ano de 1989 foi marcado por uma boa movimentação da TV brasileira, os cidadãos estavam bem ambientados com jornais televisivos, telenovelas as quais, em dado momento, eram ouvidas por rádios e não assistidas, entre outras atrações que os canais da época proporcionavam aos telespectadores. Dentre esses canais, destaca-se as emissoras Rede Globo, o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT e a Rede Record. Esses canais estavam em processos de inovações nas programações e de ampliação e disseminação, como é o caso da Rede Globo estrelando a sessão de filmes “Temperatura Máxima” e o SBT exibindo 36ª Edição do Miss Brasil e inaugurando a TV Cidade, sua filiada em Londrina, Paraná. Nessa época, contávamos também com o estouro dos programas de auditório como Domingão do Faustão, Programa do Gugu, entre outros, que, em um futuro próximo, se tornariam fenômenos, principalmente para a criançada, como o “Xou da Xuxa”.

Personagem e cenário

Maria da Graça Xuxa Meneghel, mais conhecida apenas como “XUXA”, é uma atriz, empresária, ex modelo e cantora que recebeu carinhosamente o título de “rainha dos baixinhos” justamente por se destacar na TV brasileira cantando músicas voltadas especialmente ao público infantil, bem como seu programa era pautado exatamente na estética infanto-juvenil para entreter os baixinhos com muita dança, alegorias, desenhos e muito mais.

De fato, um espetáculo de apresentadora, mas seu sucesso maior foi musical. A cantora lançou 35 álbuns de estúdio e 23 álbuns de vídeo que venderam mais de 50 milhões de cópias, tornando-se uma dos artistas recordistas em vendas de discos no mundo. Dentre as músicas de maior sucesso, podemos destacar Lua de Cristal, Parabéns da Xuxa e principalmente Ilariê.

Notando o sucesso da artista da época e lembrando do propósito de tornar campanhas de saúde mais atrativas para as crianças com Zé Gotinha, o Ministério da Saúde opta por uma estratégia muito semelhante a do ano anterior com a Virginie, e chama Xuxa para participar e ser a nova parceira do personagem nas campanhas de saúde dali em diante. Uma ideia ainda ousada e divertida, pois Xuxa era sinônimo de alegria e diversão na época, caracterizada sempre com roupas chamativas e coloridas e penteados que ditavam tendência como o caso do “maria chiquinha”, feito com elásticos de cabelo, que a artista usava para apresentar seus programas

que, no futuro, os mesmo elásticos, por influência da cantora, ficaram popularmente conhecidos como “xuxinhas de cabelo”.

Nessa campanha não foi diferente, havia em suas vestes muita cor e brilho, em seu semblante muita alegria, sem faltar a música tema da campanha, uma paródia do sucesso Ilariê muito bem modificada para o intuito da vacinação. Já o personagem Zé Gotinha, se encontra ainda sem muito protagonismo, perdendo espaço para a cantora nessa campanha, se fazendo presente apenas em cima da letra da música como uma espécie de “ditador rítmico” que pulava nas palavras ditando o ritmo que a música deveria ser cantada.

Também ressalta-se seu tamanho que, desde 1988, quando aparece em campanhas de saúde, se encontra de forma reduzida se comparado a outros personagens com quem divide tela. Aqui, a grosso modo, pode-se dizer que o mesmo quase nem fazia papel de coadjuvante, mas continuava em seu estilo cartunesco de duas dimensões, característico das animações da época, sem muita diferença da campanha passada.

Para o cenário, optaram por pegar a essência, que era o “Xou da Xuxa”, e trazer para a campanha. Essência essa que era caracterizada por muitas crianças no mesmo espaço festejando e foliando em um estilo carnavalesco divertido que chamava muita atenção de quem assistia ou trocava de canal bem na hora que a campanha estava a passar nas telas dos brasileiros.

Figura 12 – Crianças compondo cenário



Slogan

O *slogan* da campanha era ditado por Xuxa quando a mesma dizia “desde junho, sábado é dia de, gotinha, gotinha e tchau tchau paralisia infantil”, percebe-se que diferentemente da campanha passada com Virginie, essa é voltada apenas para a paralisia infantil, não mencionando as outras doenças como Coqueluche, Difiteria, Sarampo e Tétano. Apesar de não conter rimas em suas palavras, continua sendo um *slogan* que gruda na cabeça e fica fácil de

lembrar ou se pegar repetindo em voz alta pela casa.

Texto complementar

O texto complementar que aparece ao final da campanha, por mais breve que possa estar presente, destaca que é uma produção do Governo Federal que, em tese, faz tudo pela sociedade, evidenciando ou querendo evidenciar seu afincamento com a saúde dos cidadãos quando é representado da seguinte forma:

“Governo Federal, tudo pelo social”.

Elementos diversos

A campanha, fazendo usufruto do artifício musical, ainda nos traz, como elemento mais chamativo, a paródia de uma das músicas de maior sucesso da cantora Xuxa, “Ilariê”, que foi modificada para fazer alusões ao Zé Gotinha bem como à vacinação. Podemos enxergar esses pontos quando a paródia é cantada da seguinte forma:

“Tá na hora, tá na hora, na hora de vacinar, com o amigo Zé Gotinha, pra sempre poder brincar, é lá, é lá, é lá, é lá, é lá, é lá, ô, ô, ô, que a turma da Xuxa também já se vacinou”.

Na música, podemos observar que ela chama as crianças para se vacinar alegando já estar na hora, e para os pequenos fazerem junto com o amigo Zé Gotinha, trazendo a importância do personagem estar se amigando e se aproximando dos pequenos aos poucos para que os mesmos continuem se sentindo seguros da vacina, sendo algo bom para que eles, inclusive, não parassem de brincar, pois a paralisia infantil, dependendo do local afetado, pode dificultar muito as atividades infantis que necessitam de muito movimento.

Logo após, a cantora ressalva que a turma da Xuxa já se vacinou trazendo a impressão de um questionamento “você vai ficar de fora?”, sendo a turma da xuxa uma turma muito grande, pois são todas as crianças que a admiram e a escutam.

6.3 Campanha de vacinação Zé Gotinha (1993)

Figura 13 – Zé Gotinha, campanha de vacinação (1993)



Chegamos ao início da década de 90, década que se iniciou com o colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria. Sendo esses acontecimentos seguidos pela consolidação da democracia, globalização e capitalismo global. Fatos marcantes também para a década foram as trocas demasiadas de Presidente da República Federativa do Brasil, como de José Sarney, no início de 1990, passando por Fernando Collor, até final de 1992, chegando em Itamar Franco de 1992 até 1995 como também ocorria popularização dos computadores residenciais e os primórdios da internet como conhecemos hoje em dia.

- Personagem e cenário

Diferentemente das campanhas já analisadas, essa em específico em um cenário muito provável seja a primeira aparição do nosso icônico Zé Gotinha como protagonista de fato de sua campanha de saúde desconsiderando sua primeira aparição em 1986 quando o mesmo não possuía identidade. Representado graficamente ainda em 2D pelas limitações tecnológicas da época podemos ver evolução em sua estatura onde o personagem não se apresenta mais de forma pequena e localizada nas extremidades das telas, agora toma para si o centro do enquadramento em tamanho aumentado mostrando não só seu protagonismo como também representa sua força midiática aumentando com o passar dos anos, onde nessa época o personagem consegue sustentar sozinho o propósito de angariar a atenção das crianças para o ato de imunização.

Nessa campanha de 1993 Zé Gotinha está caracterizado com roupas emblemáticas de filmes como: “Dança com lobos”, “Os imperdoáveis” e “Gerônimo”, filmes com temática de faroeste que relatavam as vivências de justiceiros e Cowboys da época, que nos traz novamente

a percepção que estamos sendo introduzidos em um conto de herói. No caso Zé Gotinha como todo Cowboy possuía seu cavalo, símbolo de determinação e bravura bem como seus “revolvers” que eram ilustrados por duas seringas de imunizantes. Os tais revolvers eram utilizados para combater os mau-feitores da cidade que eram exatamente as doenças a serem combatidas pela vacina que Zé Gotinha trazia.

Esse conto de herói se passa em uma cidadezinha de interior chamada de “viruslândia” nada calma com casas de madeira em meio a um cenário de clima seco e desértico atormentada por personificações das doenças já mencionadas que só deram sossego à cidade quando o protagonista disparou imunizantes nos mesmos fazendo que com que desaparecessem e tranquilizasse a população que lá habitava.

Figura 14 – Viruslândia



Figura 15 – Personificação de doenças (1993)



- Slogan

A respectiva campanha não possui um *slogan* específico para temática da saúde, por ser uma campanha publicitária criada aos moldes do formato de “conto” os roteiristas do Ministério da Saúde podem ter concluído ser desnecessário uma frase de impacto deixando apenas o

trabalho de chamar atenção das crianças apenas para a história criada. O que pode ser considerado desvantajoso para o objetivo que é atrair mais crianças aos postos de saúde para se vacinarem, sem um *slogan* os pequenos podem dar mais atenção à animação ao invés da importância de se vacinar. Dessa forma a campanha pode até chamar a atenção da criança porém o público majoritariamente atingido foram os pais pelo informativo ao final da animação.

- Texto complementar

Já no texto complementar desta campanha é onde se encontra toda narrativa necessária para entender as ações do personagem que são subsequentes ao narrador. O narrador nos apresenta as primeiras informações como a cidade, e os seres malignos que nela habitam ao dizer no início da campanha: “em uma cidade distante, Bilie Polio(Poliomelite), Fred Tétano, Kid Sarampo e Jhony Coqueluxe reinavam como seres malignos, como acabar com essas ameaças?” o narrador deixa claro que é um reinado de doenças trazendo o entendimento que os mesmos estão pairando pela sociedade há algum tempo incomodando e amedrontando as crianças alguns anos. Inconformado ele se questiona em como se acaba com essas ameaças, e é onde o iconoclasta Zé Gotinha se apresenta como solução para o problema respondendo ao narrador “é fácil” surpreendendo as doenças com rajadas de imunizantes nos mostrando que se erradica tais doenças com vacina e isso é reforçado quando o personagem logo em seguida diz: “acaba coma vacina” complementando sua resposta ao narrador.

- Elementos diversos

Em 1993 Zé Gotinha se firmou como símbolo de multivacinação, que na época era contra as mesmas doenças já mencionadas acima, contudo na campanha essa informação aparece de forma intrínseca quando o personagem grita bem alto e alegre: “dia 23 de outubro é o dia nacional da multivacinação” ou seja nada melhor que o símbolo da multivacinação anunciasse isso ao público e fizesse seu singelo chamado “apareça e não esqueça do cartão da criança” mostra que realmente o personagem ganhou mais força e destaque porém sofreu uma leve mudança de público alvo nessa campanha ao direcionar seu chamado diretamente aos pais ou tutores das crianças sem esquecer o cartão de vacinação.

6.4 Campanha Fase 2 contra Poliomielite Zé Gotinha (2009)

Figura 16 – Zé Gotinha contra a poliomielite



Efetuando um salto temporal de 16 anos, estacionamos em 2009, ano em que se pode enxergar mudanças extremamente grandes em vários aspectos em nossas vidas principalmente em questões de tecnologia. Já estávamos no Século XXI, e os anos 2000 até meados de 2010 foram recheados de novidades tecnológicas como o caso dos Video-games em seu auge, produções cinematográficas de grande impacto, e a internet bem mais próxima do modelo atual tornando o que é longe mais perto e o que é perto mais longe. Efeitos da globalização em massa.

- Personagem e cenário

As campanhas de saúde das instituições oficiais detêm uma lógica que segue a dinâmica tradicional da publicidade. De acordo com Silva e Gagliardi (2011) a publicidade faz uso da psicologia, em busca da satisfação do querer íntimo dos indivíduos, em que “a publicidade provocando as emoções nos indivíduos, cuida de impulsionar seus desejos latentes com tanta força que eles se sentem impelidos a trabalhar para poder satisfazê-los” (SANT’ANNA, JÚNIOR and GARCIA, 2009, p.77 apud SILVA, GAGLIARDI, 2011).

Em vista disso e em meio a tantas novidades o personagem Zé Gotinha não poderia ficar de fora das atualizações. Provavelmente devido ao forte sucesso dos lançamentos das animações dos estúdios “PIXAR” o Filme “Toy Story” foi a primeira produção animada feita em modelo Tri dimensional (3D) que se tem registro bem como sua continuação “Toy Story 2”. Os dois filmes mais precisamente a continuação marcaram o final dos anos 90 e a virada do século de forma gigantesca pois o público estava acostumado com produções desenhadas a mão caracterizadas apenas por lagura e altura em um plano. A ideia de termos personagens que se

moviam muito semelhantemente aos humanos, com expressões faciais e iluminações realistas deixaram o mundo todo estasiado com tamanha novidade, onde como consequência a indústria cinematográfica nos bombardeou de animações no mesmo estilo nos anos seguintes por acharem que as produções em 2D teriam ficado obsoletas aos olhos das crianças.

Figura 17 – Toy Story 2 (1999)



De certa forma como era uma novidade bem feita as crianças tomaram gosto pelo novo modelo e queriam ver mais animações nesses moldes, dessa forma surgiram filmes de grandes sucesso como “os incríveis (2004)”, “Ratatouille (2007)” e “Monstros SA (2001)”. Vendo essa forte popularização o Ministério da Saúde também resolveu atualizar o Zé Gotinha então nesse mesmo ano pudemos ver o personagem de “cara nova” em um modelo modesto 3D com suas limitações porém muito mais realista que nos anos anteriores.

Nessa campanha o personagem é caracterizado por um avanço em seu tamanho e protagonismo, agora se faz presente em uma altura que lembra uma criança com seus 5 a 7 anos de idade, podendo ser interpretado como um crescimento “humano” normal que passamos na vida biológica, afinal se Zé Gotinha é uma personificação da figura do bem que uma vacina traz, faz sentido fazê-lo crescer com o passar dos anos onde tanto ciência quanto tecnologia também avançam. O personagem continua com sua cor e identidade visual preservada, tornando fácil a identificação para os pais do século XXI que um dia foram as crianças alvo de Virgínie e Zé Gotinha no passado.

O cenário da campanha é bem colorido estilizado trazendo a ideia de que as próprias crianças que pintaram, é um ambiente ilustrado ao ar livre com um campo verde cheio de árvores em um clima ensolarado e alegre propício para uma “passadinha” no posto de saúde para poder tomar a vacina e continuar a aproveitar o dia. O cenário também há em sua composição muitas crianças brincando vestidas com as roupas e cores do Zé Gotinha que são carinhosamente chamadas de “clube do Zé Gotinha” o que pode ser usado como jogada de marketing para os pequenos que estão assistindo associarem o clima alegre ao ato de vacinar já que outros coleguinhas estão fazendo o mesmo.

- Slogan

A campanha possui uma música como centro do chamado à vacinação com uma melodia fácil de decorar com rimas bem construídas, podemos perceber esse fato ao analisarmos o verso “Ping, ping, não dá pra vacilar, ping, ping venha logo vacinar” o qual majoritariamente se torna o *slogan* da campanha. No mesmo verso podemos enxergar a alusão que a cantiga faz às gotas da vacina caindo sobre a língua das crianças reforçando a ideia de que não dá pra deixar com que a poliomelite erradicada em 1989 com último caso registrado vire um problema novamente, dessa forma tanto a cantiga quanto o personagem central da campanha fazem o chamada para todas as crianças de até 5 anos idade voltem para os postos para tomarem a segunda dose da vacina.

- Texto complementar

O texto que complementa a campanha evidencia o dia certo em que as crianças devem retornar aos postos de saúde para tomarem a segunda dose da vacina contra a póliomelite deixando o personagem do Zé Gotinha voltar a ser a imagem do combate a doença após alguns anos, salientando que as crianças que não tomaram a primeira dose também podem comparecer aos postos de saúde e assim ter ao menos uma parcela de imunização sendo melhor que não ter nenhuma. Isso fica melhor representado quando nos deparamos com o texto que diz: “ dia 29 de setembro é mais um dia de vacinação contra a paralisia infantil, todas as crianças com menos de 5 anos de idade devem tomar a segunda dose mesmo que não tenham tomado a primeira, vá ao posto de vacinação mais próximo!”.

- Elementos diversos

A música continua sendo uma forte aliada para a comunicação social principalmente quando trata-se de saúde, de certa forma é mais fácil de lembrar e decorar algo importante se o mesmo for cantando para nós. Sabendo desse fato o Ministério da Saúde não deixou de lado os esforços para continuar deixando presente músicas marcantes nas campanhas de saúde do Zé Gotinha.

O restante da música que rege a campanha é de extrema importância pois evidencia o lembrete para pegarem e não esquecerem a carteira de vacinação das crianças bem como as convida para voltarem ao “clube do Zé Gotinha” que pode ser interpretado como um clube de “pequenos imunizados” e logo em seguida destaca que a vacina em si é regida apenas por duas gotas indolores fazendo contraponto com as demais vacinas introduzidas por seringas que

assustam boa parte das crianças, essa passagem também deixa claro como é rápido a vacina a qual pode durar apenas 3 segundos e os pequenos cidadãos já podendo voltar a sorrir novamente. Esses pontos analisados podem ser averiguados quando a música canta para as crianças os seguintes versos: “ei pegue sua carteirinha, volte para o clube do Zé Gotinha, ping, ping, são só duas gotinhas, sem dodói, 1 2 3 e já, depois é só ha ha ha ha.

6.5 Campanha Zé Gotinha e seus Amigos (2016)

Figura 18 – Toy Story (2020)



Passados 7 anos, chega-se em 2016, um ano politicamente conturbado para os brasileiros, Crise econômica instalada no país, governo aprovando medidas que limitavam gastos federais e turbilhões na presidência do Brasil como o Impeachment da presidente da época Dilma Rousseff marcaram esse ano tão denso. Contudo havia um alívio no fim do túnel, 2016 foi ano em que o Brasil sediou os jogos olímpicos no estado do Rio de Janeiro com as equipes brasileiras dando um show de melhas para país, destacando a equipe de futebol que levou medalha de ouro para casa nessa edição histórica.

Por outro lado se o Brasil dava um show em campo, fora dele quem tentava continuar com o legado de país líder em termos de vacinação era o Zé Gotinha.

- Personagem e cenário

Sem medalha de ouro, o personagem nessa campanha estampa pela primeira vez em seu peito o logotipo do sistema único de saúde, o que até então não tínhamos visto em outras campanhas. Apesar de no passado ser utilizado como símbolo de combate a póliomelite e algumas outras doenças combatidas pela vacina tetravalente, o personagem não costumava se associar com o sistema de saúde por completo. Segundo a hipótese levantada por Gombich, trazida no livro de Aumont (1995, p. 81), “a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicar nossa relação com o mundo visual” desempenhando um papel de

descoberta visual. Estando a imagem como mediador entre o espectador e a realidade por vincular a imagem em geral com o domínio simbólico (AUMONT, 1995, p.78). Fato é que o personagem carregar em seu peito a logo do SUS evidencia que o mesmo buscou associar sua imagem ao personagem deixando aberto interpretações de que possa trazer mais credibilidade ao personagem já que a figura estava sendo ampliada para outras questões de saúde se tornando um símbolo de saúde ainda mais forte e importante para os brasileiros. Esse fato pode ser explicado se analisarmos como o personagem se caracteriza nessa campanha.

O icônico Zé Gotinha ainda continua sendo representado pela cor branca simbolizando tranquilidade e imunização que a vacina nos traz, porém novamente o personagem sofre um crescimento físico destacando aumento de sua estatura e maturação na voz de locução que lhe foi empregada transparecendo um personagem com traços de um adolescente, o que corrobora com a teoria de que o mesmo quando foi criado foi pensado para ser uma criança assim como seu público alvo e agora sofre crescimento “biológico” da mesma forma que os pequenos do passado.

Fator muito interessante pois os pais da época dos anos 80 que acompanharam o personagem desde a etapa de sua criação o qual não tinha nem nome atribuído podem vê-lo como uma criança crescendo assim como seus filhos cresceram juntos. Isso afeta bastante a identificação e carinho que o público desenvolve para com o personagem. Outro ponto a ser destacado com relação a evolução do personagem como narrativa de seu crescimento é o seu interesse por instrumentos musicais e estilos musicais como o rock bem característico de fase adolescente.

A campanha é ambientada em um cenário florestal bem típico de contos de fadas e histórias fantasiosas que entra em ressonância com os amigos que o personagem chama para fazer parte da campanha que são majoritariamente outros personagens de histórias infantís bastante conhecidas como por exemplo: A chapéuzinho vermelho, o lobo mau, o Papai Noel e coelhinho da páscoa, mostra que mesmo em processo de maturação o Zé Gotinha não deixou de lado seu foco principal que é atrair as crianças para se vacinarem bem como deixar suas campanhas de vacinação mais lúdicas para elas.

- *Slogan*

“Todo mundo unido, fica mais protegido” Zé Gotinha usa novamente do artifício de suas rimas para pautar o *slogan* da campanha o qual faz referência ao fato de que se todos se vacinarem fica mais difícil para as doenças e ameaças emergentes infectarem nossa população, justamente para reforçar esse pensamento ele chama seus amigos os quais se juntam à sua causa

para mostrar que essa “união” realmente faz a força e diferença.

- Texto complementar

Zé Gotinha se tornou o porta voz de seus textos e nessa campanha quem faz o chamado para a vacinação é o próprio. Disseminando a informação que dia 24 de setembro é o dia “D” ele convoca os pais das crianças menores de 5 anos e de 9 até 15 anos de idade para atualizarem o cartão de vacinação. Fica melhor evidenciado quando o personagem nos comunica da seguinte forma: “todo mundo unido na vacinação, dia 24 de setembro é o dia D, leve seus filhos menores de 5 anos e de 9 até 15 anos para vacinar e atualizar a caderneta”.

- Elementos diversos

Nota-se que o personagem mesmo com o passar de tantos anos, ainda segue seu propósito de juntar todas as crianças e levá-las ao ato de se imunizar. Contudo em seu texto complementar percebemos que o personagem não faz referência apenas a uma ou algumas doenças a serem combatidas, agora ele abrange para se atentarem em atualizar o cartão de vacinação para com todas as vacinas necessárias em combate a todas as doenças que se podem ser prevenidas até dado momento do ano. Isso mostra que realmente seu objetivo não mudara, porém fora expandido.

6.6 Campanha Zé Gotinha – Covid-19 (2021)

Figura 19 – Zé Gotinha contra a Covid-19



No mundo já havíamos enfrentado algumas grandes ameaças em questões de saúde pública como por exemplo: A Varíola, a Malária, a Peste negra, a Cólera e a Gripe espanhola. Doenças que devastaram muitas vidas e famílias em suas épocas, epidemias que de fato

rezamos para nunca voltarem. Contudo fomos surpreendidos com uma pandemia se iniciando no final de 2019 para início do ano de 2020 que assombrou o mundo todo bem como ainda assombra no dias atuais. Essa doença conseguiu só no Brasil mais de 685 mil mortes com aproximadamente 34 milhões de casos confirmados, e no mundo infelizmente tivemos mais de 6 milhões de mortes. O Brasil sofreu um forte colapso em seu sistema de saúde, e as vacinas foram “ouro” a ser encontrado.

- Personagem e cenário

Desde meados de 2017 o Zé Gotinha andava sumido das campanhas de saúde e consequentemente das telinhas dos brasileiros com suas ilustres propagandas, o mesmo só foi reaparecer em 2021 ajudando na disseminação de informações acerca do combate ao Covid-19, mas para nossa surpresa havia mudanças significativas no personagem.

Na campanha acima Zé Gotinha é caracterizado com sua paleta de cor de sempre adicionado do logotipo do SUS em seu peito que nos faz interpretar que o novo estilo do personagem veio pra ficar, menção honrosa à mudança da cor de seus olhos que mudaram pra azul claro que combina com as paletas de cores do SUS, entretanto há novamente uma modificação na voz do personagem que ficou mais madura porém ao mesmo tempo mais suave e divertida. Contudo o destaque maior ficou para a sua família. Sim, agora o Zé Gotinha aquele personagem pequeno com voz de criança, dançante, agora é o homem de sua própria família com seu filho já em uma faixa etária de 4 ou 5 anos, sua esposa, e seus pais.

Uma situação inédita pois não sabíamos que o personagem possuía pais, muito menos uma família totalmente constituída. Isso mostra com clareza o tamanho crescimento que o personagem obteve com o passar dos anos e que “o filho do Brasil” cresceu, se tornou totalmente independente em questões de mídia bem como possui mais motivos para se preocupar com a saúde de todos.

O cenário era composto por uma representação de uma casa de família, majoritariamente a casa da família do Zé Gotinha mas que fazia alusão a casa dos brasileiros. Então é uma casa comum com sala, banheiro, quarto das crianças entre outros cômodos que sabemos que existem mas não foram ilustrados, tudo passando uma percepção de identificação com a família brasileira.

- Slogan

O *slogan* é construído pelo cenário da época, onde surge uma doença que quase ninguém sabia como combater com todas as forças, tínhamos apenas o respaldo da chegada das vacinas

para a população e as recomendações para todos eram de todas as famílias se recolhessem em casa em quarentena, bem como tomar cuidados básicos como lavar as mãos, e manter o distanciamento social evitando a ploriferação do vírus. Esse cuidado e atenção do personagem fica melhor evidenciado quando o mesmo possui um diálogo com seu filho e com o resto de sua família o qual transparece que tomando os cuidados necessários todos estaremos cuidando da nossa família a qual está perto de nós todos os dias bem como de nossa renda pois poderemos sair pra trabalhar tomando segurança, e estaremos cuidando do Brasil pois cada um fazendo sua parte ajudará o país sair desse cenário mais rápido: “assim você cuida da sua familia da sua renda e do Brasil”

- Texto complementar

O texto complementar da campanha é regido por um diálogo entre os familiares do Zé Gotinha o qual serve de instrumento de grande importância para a população ao efetuar um comunicado de que mais vacinas estão para chegar bem como reforçar a importância de se tomar todas as doses da vacina para melhor imunização como também salientar os cuidados básicos de higiene necessários para evitar ainda mais a contaminação do vírus da Covid-19. Os pontos são melhores identificados no diálogo abaixo:

- “Têm mais reforço vindo por aí (Zé Gotinha)
- O que é papai? (filho)
- Mais vacinas filho (Zé Gotinha)
- Isso é muito importante para proteger nossa família (Mãe Gotinha)
- Eu já tomei as duas doses (Vô Gotinha)
- Mesmo assim temos que continuar nos cuidando (Vó Gotinha)
- Máscara, certo filho? (Mãe Gotinha)
- Tem que lavar as mãos direitinho com água e sabão (Zé Gotinha)
- E nada de ficar muito juntinho (Mãe Gotinha)
- Assim você cuida da sua familia da sua renda e do Brasil (Zé Gotinha)

- Elementos diversos

Ao longo dos anos nos acostumamos a ver o Zé Gotinha como a resentação gráfica da gota da vacina contra a póliomelite sem nenhum adereço ou acessório. A campanha atual nos apresentou o personagem com uma máscara azul em seu rosto assim como em toda a sua família. Além da cor fazer referência direta ao SUS também foi uma forma de incentivar a

população a continuar a usá-la como forma de proteção contra a doença, pois cientificamente a mesma é comprovada como forte aliada na luta e na prevenção do vírus, tornando assim a vida dos cidadãos perto de nós mais segura, a nossa própria vida mais segura e a do Brasil como um todo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que Zé Gotinha sofreu de veras evolução como personagem gráfico, como também de personificação do bem e de sua causa para com a saúde da população brasileira ao deixar de propagar mensagens de saúde apenas em prol de prevenção de doenças como poliomelite no início de sua criação para difundir apoio e cuidado para todas as doenças que possam ser prevenidas por vacinas bem como as que podem ser evitadas com cuidados básicos.

O exemplo do personagem Zé Gotinha mostra que a comunicação em saúde pode e deve ser uma estratégia-chave dos sanitaristas para com as instituições, onde apostar nesta área pode promover mudanças positivas nos ambientes sociais, econômicos e físicos, melhorar a acessibilidade dos serviços de saúde e facilitar a aceitabilidade de normas que contribuam positivamente para a saúde e qualidade de vida da população bem como pode auxiliar em criações de políticas públicas e programas de saúde onde, quando capacitados, o profissional sanitaria pode atuar e auxiliar no planejamento, na gestão e execução de ações em saúde em prol do coletivo. Em resumo, os processos de informação e comunicação em saúde podem representar ganhos em saúde para todos e contribuir para o bem-estar físico, social e mental dos indivíduos.

Comunicar saúde ajuda a consciencializar a população para ameaças, influencia a adoção de comportamentos protetores e promove a utilização dos recursos e serviços de forma adequada, dessa forma por ter uma visão mais ampla relacionada à saúde bem como uma noção de campo social e reconhecimento de cidadania muito bem aflorados como um dos principais enfoques de conhecimentos obtidos no decorrer da formação de um sanitaria em meio a graduação, o profissional dessa área surge como um importante aliado ao SUS disseminando a informação, educação e promoção em saúde deixando de lado a visão popular de um papel profissional apenas de gestão em saúde.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância epidemiológica do sarampo no Brasil 2019: Semanas Epidemiológicas 28 a 39 de 2019. Sarampo. Boletim epidemiológico, Brasília, v. 50, n. 28, out. de 2019a. Disponível em: . Acesso em 28 de out. de 2019.

CRESCÊNCIO, C. L. Revolta da vacina: higiene e saúde como instrumentos políticos. BIBLOS, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 57-73, mar. de 2010. Disponível em: . Acesso em 20 de out. de 2019.

ELIDIO, G. A. et al. Sarampo. Boletim Epidemiológico [Internet]. set. de 2019. [20]; 50 (n. esp.): p. 66-67. (Número especial: Vigilância em Saúde no Brasil 2003|2009: da criação da Secretaria de Vigilância em Saúde aos dias atuais). Disponível em: . Acesso em 20 de out. de 2019.

ESCALANTE, G. O retorno do sarampo nas Américas. Rev. Méd. Urug., Montevideu, v. 35, n. 2, p. 1-3, jun. de 2019. Disponível em . Acesso em 20 de out. de 2019. FERMINO, T. Z.; CARVALHO, E. C. A comunicação terapêutica com pacientes

NARDI, A.C.F. et al. Comunicação em saúde no Brasil: um estudo exploratório na rede COSEMS das secretarias municipais de saúde. Rev. Saúde Pública, Paraná, v. 1, n. 2, p. 13-22, dez. de 2018. Disponível em: . Acesso em 15 de out. de 2019.

OLIVEIRA, A. L. História da saúde no Brasil: dos primórdios ao surgimento do SUS. Encontros Teológicos, ano 27, número 1, p. 31-42, 2012. Disponível em: < <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/198/189>>. Acesso em 19 de out. de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946. Disponível em: . Acesso em: 15 de out. de 2019.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, out. de 1997. Disponível em: . Acesso em 15 de out. de 2019.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e Saúde. Temas em saúde. Rio de Janeiro – RJ: Editora FIOCRUZ, 2007.

Teixeira, M. G. 1999 '25 anos do Programa Nacional de Imunizações: Bahia'. Em PNI-Bahia, 25 anos de história Secretaria de Saúde do Estado da Bahia.

Ministério da Saúde 1986 *A marca de um compromisso* Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde. Divisão Técnica de Divulgação

Mendes, E. V. 1992 O processo de construção do Sistema Único de Saúde: reflexões sobre uma agenda mínima para a Reforma Sanitária Opas. (mimeo.)

(<https://laboratoriocella22.com.br/a-historia-das-vacinas-no-brasil-uma-vitoria-da-ciencia/>)
ACESSADO EM /07/22

(<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorsp.htm>) ACESSADO EM 22/07/22

(<https://portal.fiocruz.br/noticia/cinco-dias-de-furia-revolta-da-vacina-envolveu-muito-mais-do-que-insatisfacao-com-vacinacao>) ACESSADO EM 22/07/22

(<https://unifor.br/web/saude/descoberta-da-vacina-bcg-completa-100-anos-entenda-sua-importancia#:~:text=Em%201927%2C%20a%20BCG%20foi%20aplicada%20pela%20primeira%20vez%20no%20Brasil.&text=Por%20C3%A9m%20com%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do,os%20quatro%20anos%20de%20idade.>) ACESSADO EM 22/07/22

(http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2005_2/artigos/CSC_2005_2_arlene.pdf) ACESSADO EM 22/07/22

(<http://pni.datasus.gov.br/apresentacao.asp>) ACESSADO EM 22/07/22

(<https://www.ebc.com.br/especiais/vacinacao#:~:text=Em%201977%2C%20foi%20lan%C3%A7ado%20o,a%20vacina%20contra%20o%20sarampo.>) ACESSADO EM 22/07/22

(<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/comunicacao/casa-ze-gotinha?highlight=WvJjYXNhIwiY2FzYSciLCJkbyIsInplIwiZ290aW5oYSIsImNhc2EgZG8iLCJjYXNhIGRvIHplIwiZG8gemUiLCJkbyB6ZSBnb3RpbmhhliwiemUgZ290aW5oYSJd#:~:text=O%20Z%C3%A9%20Gotinha%20foi%20um,mais%20atraentes%20para%20as%20crian%C3%A7as.>) ACESSADO EM 22/07/22

([https://portal.fiocruz.br/noticia/com-primeiro-surto-no-brasil-registrado-em-1911-poliomielite-ainda-preocupa#:~:text=O%20%20C3%BAltimo%20caso%20de%20poliomielite,Sa%C3%BAde%20\(Opas%20FOMS\).](https://portal.fiocruz.br/noticia/com-primeiro-surto-no-brasil-registrado-em-1911-poliomielite-ainda-preocupa#:~:text=O%20%20C3%BAltimo%20caso%20de%20poliomielite,Sa%C3%BAde%20(Opas%20FOMS).)) ACESSADO EM 22/07/22

<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/811-mudando-a-historia-parcerias-alteraram-a-situacao-do-sarampo-no-pais?showall=1#:~:text=Com%20foco%20neste%20objetivo%2C%20o,anterior%20ou%20hist%C3%B3ria%20pr%C3%A9via%20da>) **ACESSADO EM 22/07/22**

ACESSADO EM: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/811-mudando-a-historia-parcerias-alteraram-a-situacao-do-sarampo-no-pais?showall=1> (25/07/2022)
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/livro_30_anos_pni.pdf ACESSADO EM 25/07/22

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/h8hKQJ3MxTPfhKjXPGtxctf/?lang=pt#:~:text=A%20introdu%C3%A7%C3%A3o%20da%20vacina%20no,dos%20dois%20meses%20de%20idade.&text=No%20mundo%20cerca%20de%20125,entre%20600.000%20a%20870.000%20C3%B3itos>. ACESSADO EM 25/07/22

<https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/com-ajuda-da-vacina-o-tetano-materno-e-neonatal-foi-eliminada-nas-americas-2017-10-05> ACESSADO EM 25/07/22

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/organizando_vacinacao_elimizacao_rubeola_2008.pdf ACESSADO EM 25/07/22

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt1946_19_07_2010.html#:~:text=e%20Munic%C3%ADpios%2C%20resolva%3A-,Art.,Art. ACESSADO EM 22/07/22

http://www.saude.salvador.ba.gov.br/arquivos/viepvacinacao/aula_1_Geral_2012_Viepv.pdf
ACESSADO EM 25/07/22

<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/vacinas/plano-nacional-de-operacionalizacao-da-vacina-contr-a-covid-19> ACESSADO EM 25/07/22

CAMPANHAS EM QUE O ZÉ GOTINHA SE FAZ PRESENTE

1 - Chamada Campanha de Vacinação - Zé Gotinha 1988 - com Virginie Boutaud
ACESSADO EM 20/07/22

2 - COMERCIAL: Campanha do Zé Gotinha (1989)

https://www.youtube.com/watch?v=0Nxb79yiKo&list=LL&index=11&ab_channel=GaleriadaXuxa ACESSADO EM 20/07/22

3 - 1990 - Ministério da Saúde – Gotinha (CONTÉM MAIS DE UMA PROPAGANDA NO MESMO VIDEO)

https://www.youtube.com/watch?v=R0v3IH7gP9E&list=LL&index=8&ab_channel=Ma

[sterComunica%C3%A7%C3%A3o](#) ACESSADO EM 20/07/22

4- Campanha de vacinação VI Zé Gotinha e Virginie

https://www.youtube.com/watch?v=-vhXvVAnMU&list=LL&index=6&ab_channel=Metr%C3%B4-Virginie

ACESSADO EM 20/07/22

5 - Comercial - Campanha da vacinação (1993)

https://www.youtube.com/watch?v=dNKMm4ooCpM&list=LL&index=5&ab_channel=ArquivoMarckezini ACESSADO EM 20/07/22

6 - GDF "Zé Gotinha / Vacinação" [locução: Rodrigo Régis

https://www.youtube.com/watch?v=M0BM8OMbJsk&list=LL&index=4&ab_channel=RodrigoR%C3%A9gisLocutor ACESSADO EM 20/07/22

7- Campanha de vacinação IV Zé Gotinha e Virginie. (Metrô)

https://www.youtube.com/watch?v=OExyB09zric&list=LL&index=3&ab_channel=Metr%C3%B4-Virginie ACESSADO EM 20/07/22

8 - ZÉ GOTINHA NAS ESCOLAS

https://www.youtube.com/watch?v=HBefVMRqCEY&list=LL&index=2&ab_channel=TVPo%C3%A7os ACESSADO EM 20/07/22

ANEXO

Figura 1 – Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil (1971-2020)

| LINHA DO TEMPO DA IMUNIZAÇÃO NO BRASIL | |
|---|--|
| 1971 | Inoculação da vacina pela primeira vez na Inglaterra |
| 1804 | Chegada da vacina contra a varíola no Brasil |
| 1901 | Criação do Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro, com direção de Oswaldo Cruz (futura Fiocruz), e Instituto Serumtherápico, com Vital Brazil, em São Paulo (futuro Instituto Butantan) |
| 1904 | A revolta das vacinas |
| 1927 | Início da vacinação contra tuberculose no Brasil com vacina BCG |
| 1942 | Eliminação da febre amarela urbana no Brasil |
| 1966 | Campanha de erradicação da Varíola |
| 1973 | Criação do programa nacional de imunizações (PNI) |
| 1975 | Campanha contra a Meningite Meningocócica |
| 1976 | Criação do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos, da Fiocruz) |
| 1977 | Primeiro Calendário Básico de Vacinação |
| 1980 | Campanha de Vacinação contra a poliomielite |
| 1985 | Programa de Autossuficiência Nacional em Imunobiológicos (PASNI), Voltado ao suprimento da demanda nacional de vacinas e soros |

Figura 2 – Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil (1971-2020)

| | |
|-------------|--|
| 1986 | Nasce o Personagem Zé gotinha |
| 1989 | Último caso de pólio no Brasil, em Souza(PB) |
| 1992 | Plano de eliminação do Tétano Neonatal (Mulheres em idade Fértil, entre 15 e 49 anos) e Plano Nacional de eliminação do Sarampo |
| 1993 | “Operação Gota”, em áreas de difícil acesso e para populações indígenas. |
| 1995 | Substituição da Vacina monovalente contra o sarampo pela Tríplice Viral (sarampo, caxumba e Rubéola) |
| 1997 | implantação gradativa da Vacina contra a Rubéola para as mulheres em idade fértil |
| 1998 | substituição da vacina isolada contra tétano (toxóide tetânico) pela vacina dupla bacteriana, tipo adulto (dt) contendo também o toxóide diftérico |
| 1999 | Campanha nacional de vacinação contra a gripe para a população a partir dos 65 anos |
| 1999 | incorporação da Vacina contra a febre amarela ao calendário e introdução da vacina contra Haemophilus Influenzae B (HIB) |
| 2000 | introdução da vacina tetravalente no calendário até os 6 meses de vida |
| 2004 | Instituição dos calendários da criança, do adolescente e do adulto e idoso. |
| 2006 | introdução da vacina contra o rotavírus |

Figura 3 – Tabela da linha do tempo da imunização no Brasil (1971-2020)

| | |
|-------------|---|
| 2006 | eliminação do tétano neonatal como problema de saúde pública no Brasil, segundo OMS |
| 2008 | Campanha nacional de vacinação para eliminação da rubéola |
| 2010 | substituição da vacina isolada contra tétano (toxóide tetânico) pela vacina dupla bacteriana, tipo adulto (dt) contendo também o toxóide diftérico |
| 2011 | campanha nacional de vacinação contra influenza incluindo gestantes, indígenas, crianças de 6 meses a 2 anos e trabalhadores da saúde, além do idosos |
| 2012 | introdução da vacina pentavalente e da VIP no calendário da criança |
| 2013 | inclusão da Varicela (catapora) na Vacina tetraviral |
| 2014 | introdução de 3 vacinas contra hepatite A para crianças (15 meses de idade) contra o HPV (papiloma vírus humano), para meninas de 9 a 13 anos, e dTpa (tétano, difteria e coqueluche acelular) para gestantes |
| 2018 | Vacina Contra HPV ampliada para meninos de 11 a 15 anos |
| 2020 | Vacinação contra o Covid-19 |

Figura 4 – Zé Gotinha e Virginie Boutaud, campanha de saúde (1988)



Figura 5 – Zé Gotinha e Virginie Boutaud, imaginário futurístico



Figura 6 – Criança imunizada



Figura 7 – Zé Gotinha – Poderes imunizantes



Figura 8 – Cenário da campanha de saúde Zé Gotinha (1988)



Figura 9 – Doenças monstros - tétano, difteria e coqueluche



Figura 10 – Doenças monstro - pólio e sarampo



Figura 11 – Zé Gotinha e Xuxa (1989)



Figura 12 – Crianças compondo cenário



Figura 13 – Zé Gotinha, campanha de vacinação (1993)



Figura 14 – Viruslândia



Figura 15 – Personificação de doenças (1993)



Figura 16 – Zé Gotinha contra a poliomielite



Figura 17 – Toy Story 2 (1999)



Figura 18 – Toy Story (2020)



Figura 19 – Zé Gotinha contra a Covid-19

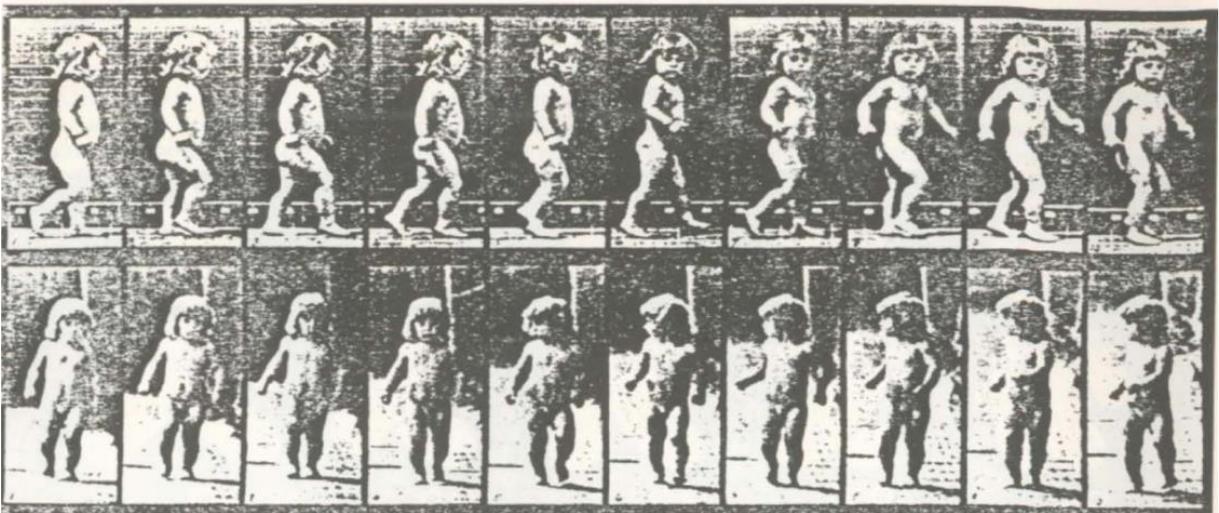


Figura 20. Modelo Fotográfico 1887, de Eadweard Muybridge.



Figura 21. Modelo simplificado transformado em desenho.